

# NÃO PINTCHA



ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

## XX aniversário do massacre Declaração do CSL

Em vésperas da celebração do XX.º Aniversário do Massacre de Pidjiguiti perpetrado pelos colonialistas portugueses, a 3 de Agosto de 1959, o Conselho Superior da Luta do P.A.I. G.C., reunido em Bissau, em sessão extraordinária, exalta solenemente o exemplo heróico dos trabalhadores que, nessa data histórica, tombaram pela libertação do nosso povo.

Hoje, com as nossas terras livres e independentes, é em nós mais forte a consciência de que não foi vão o sacrifício supremo consentido pelos mártires de Pidjiguiti.

Numa época em que a poderosa acção libertadora das amplas massas do nosso continente, galvanizadas pelo movimento irreversível do nacionalismo levava a consagrar o ano de 1960 como o Ano da África, o feito dos estivadores e marinheiros do Pidjiguiti constituiu não só uma expressão eloquente da vontade inabalável do nosso povo de materializar as suas legítimas aspirações à liberdade, mas também uma valiosa contribuição para o processo global da luta contra o colonialismo.

A repressão sangrenta do que foi «a primeira manifestação organizada da consciência política das massas trabalhadoras da Guiné» não tendo produzido os efeitos esperados pelo poder colonial — liquidar à nascença o movimento da libertação nacional —, revelou-se, ao invés, como um catalizador importante do processo de consciencialização pelas massas populares do colonialismo, da sua natureza e dos seus verdadeiros objectivos.

Ela veio igualmente confirmar a justeza da posição do nosso Partido face às ilusões de uma corrente de orientação reformista que, divorciada das realidades procurava fazer acreditar a tese da viabilidade do desenvolvimento da nossa sociedade sem a contestação global da dominação colonial.

O massacre de Pidjiguiti influenciou decisivamente a marcha da nossa luta de libertação nacional, ao levar o Partido e o nosso povo à consciência da necessidade de novas formas de luta contra o colonialismo português.

Com efeito, o PAIGC, que vinha amadurecendo a análise do processo histórico do colonialismo e particularmente da natureza e características específicas do sistema colonial português, soube interpretar correctamente o acontecimento do 3 de Agosto, tirar as lições pertinentes e traçar a estratégia adequada ao prosseguimento vitoriosos da nossa gloriosa luta de libertação nacional, pondo em evidência a capacidade de análise científica da sua Direcção e o génio político do obreiro principal da nossa libertação, o camarada Amílcar Cabral.

Opera-se, assim, a viragem estratégica do nosso combate libertador que, no termo de uma heróica luta armada que durou onze anos, conduziu o nosso povo à conquista do direito de fazer a sua própria história.

No momento em que na Guiné e em Cabo Verde o nosso povo comemora condignamente

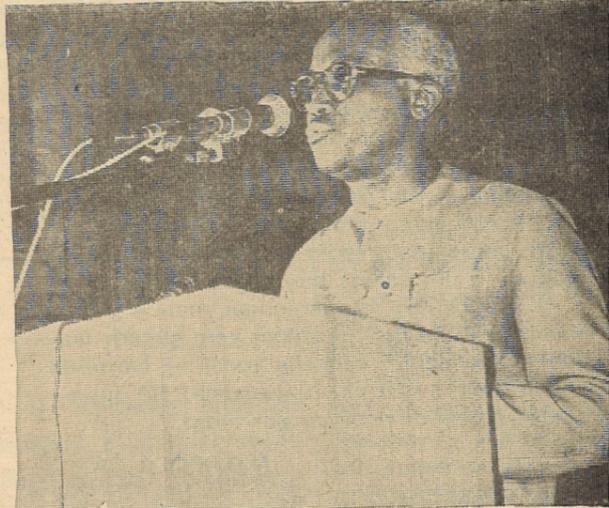
(Continua na pág. 8)

Aristides Pereira no Simpósio sobre Pidjiguiti

## Marco estratégico na Luta contra o colonialismo

Numa lúcida reflexão histórica, ontem na abertura do Simpósio sobre o significado político do Massacre do Pidjiguiti, o Secretário-Geral do PAIGC, camarada Aristides Pereira, discursando durante uma hora, acentuou que a repressão do 3 de Agosto de 59, foi precisamente a face oposta à tentativa dos colonialistas em travar a marcha da história do nosso povo, e considerou que a «incapacidade de Portugal para pôr em prática uma solução neocolonial, ditou a sua decisão de reprimir, por todos os meios, os movimentos de libertação nacional... O compromisso assumido pela nossa geração exige, porém, de nós, a continuação e o reforço do combate para a total materialização dos ideais que animaram os mártires do Pidjiguiti».

A cerimónia foi aberta pelo Secretário-Geral Adjunto, camarada Luiz Cabral, na presença de centenas de assistentes: membros do Partido e do Governo, militantes do Partido, convidados estrangeiros e corpo diplomático. O Simpósio prossegue esta manhã e termina logo à tarde. Espera-se a intervenção de diversas delegações estrangeiras convidadas. — (Ver última página)



## Conselho Superior da Luta decide Instituição de patentes nas FARP

O Conselho Superior da Luta do PAIGC decidiu a instituição de patentes nas Forças Armadas Revolucionárias do Povo, na reunião extraordinária realizada na terça-feira, 31 de Julho em Bissau.

Este órgão de direcção do nosso Partido, tomou a decisão depois de ouvir as propostas de uma Comissão criada para o efeito, na reunião do CSL de Março do ano passado.

As patentes a atribuir nas FARP são as de 1.º Comandante, 2.º Comandante, Major (sendo estes os oficiais superiores) Capitão, 1.º Tenente, 2.º Tenente, Sub-Tenente, 1.º Sargento, 2.º Sargento e Sargento, 1.º Soldado e

2.º Soldado. A atribuição de patentes inferiores a Major serão apreciadas pelos Conselhos Nacionais da Guiné e de Cabo Verde do PAIGC.

O CSL decidiu, por ou-

tro lado, estudar futuramente a graduação dos militares na situação de reserva, ficando uma Comissão encarregada de apresentar uma proposta ao CSL.



HOJE: 12 PÁGINAS

## Delegações estrangeiras

Os camaradas Aristides Pereira e Luiz Cabral receberam ontem, as delegações de Angola, S. Tomé e Príncipe, Timor-Leste, Moçambique, República Popular e Revolucionária da Guiné e do Senegal, convidadas a participar no simpósio internacional.

A delegação Fretilin é chefiada pelo camarada Rogério Lobato, ministro da Defesa, a de S. Tomé e Príncipe pelo camarada Leon D'Alva, da Educação e Desportos, de Angola, pelo camarada Venâncio de Moura, Vice-Ministro das

(Continua na pág. 8)

## Dos leitores

### Bolama: cada vez mais longe

Uso da oportunidade que me é dada mais uma vez, para escrever nesta coluna dos leitores, a fim de chamar atenção aos camaradas da GUINÉMAR, para o facto de olharem, ou melhor, de inspecionarem convenientemente os nossos barcos que saem para cada viagem. Em suma, chamar a atenção para o perigo que representa o estado em que se encontram alguns barcos, especialmente nesta época de chuvas.

Estou a falar concretamente de um dos tantos problemas que surgem no nosso mar. Aliás, esta questão foi mesmo objecto de notícia que os camaradas do «Nô Pintcha» souberam levantar e que, conforme o camarada Presidente Luiz Cabral, são flores da elite dos trabalhadores no momento exacto.

Efectivamente, camaradas, desta vez não são as normas que não são cumpridas, mas sim alguns dos responsáveis que não desempenham as suas funções condignamente.

Tudo começou quando saí daqui, depois de exaustiva semana de trabalho, para ir passar um fim de semana lá em Bolama, digo lá, porque para se lá chegar, exige sacrifícios, sacrifícios esses, que só pessoas ligadas a Bolama é que se arriscam. Posso dizer que o barco Corubal portou-se razoavelmente até chegarmos. Mas, no regresso, tudo mudou. Saímos às 11 e 50 min. para chegarmos a Bissau às 17 horas. Que caminho perto para viagem tão longa e dura, e que viria agravar-se mais, quando chegámos, à coroa e o Corubal teve que parar, porque o motor estava a aquecer. A razão? Falta de óleo, e outras coisas mais porque a bomba não estava a mandar água para o motor... uma série de informações contraditórias fornecidas pelos marinheiros que estavam um pouco tocados e alheios aos problemas que se lhes deparavam. Então parámos. Daí em diante sofremos os efeitos de toda aquela tempestade que se fez sentir no domingo à tarde.

Uns molhavam-se, outros choravam de medo e outros de fome. Assistiu-se a um momento de assombro sem fim, até que a chuva parou, e o motor arrefeceu para depois esperarmos que a maré encheça aquele banco de areia, e poderemos chegar a Bissau. Comunicar? Com que? Nem óleo há para o motor que é coisa mais essencial, tanto mais rádio-comunicação — respondia eu a um colega que assim sugeriu.

Portanto não vou prolongar mais e simultaneamente não quero terminar sem sugerir que talvez fosse melhor cancelar todas as carreiras para Bolama, a não ser no Casacá, até que se visse resolvido de uma vez por todas.

N'DJIPOLÓ CA

## O país

### Plano urbanístico de Fulacunda



Durante cerca de quatro dias, estive em Buba e Fulacunda, uma missão técnica das Obras Públicas com o objectivo de dar a conhecer às autoridades e populações dessas localidades o projecto de urbanização das cidades acima mencionadas.

Nas duas localidades em que estive esta missão da secção do urbanismo do CEOPCU, houve um vivo interesse por parte da população no que diz respeito aos projectos apresentados, levantando sugestões sobre as quais foram elucidadas.

Da referida delegação

faziam ainda parte além de Ljubomier Mladenovic, Arquitecto Urbanista e chefe da missão, Carolina Madeira, ajudante fotógrafa, Jacob Arie Roome, Economista Urbanista, Quintino Barai, desenhador, Ronal Kunzel, arquitecto urbanista e Silke Kunzel, fotógrafa.

### Apresentam-se os jovens pioneiros

Iniciou-se no dia 28, na Escola Combatente Desconhecido, as actividades de preparação das crianças que ingressarão nas fileiras da OPAD (organização dos pioneiros Abel Djassi). Nesta cerimónia simbólica, que teve início com o hino dos pioneiros, compareceram crianças de todas as escolas do sector autónomo de Bissau, englobando oito secções dirigidas pelos respectivos monitores, e diversos responsáveis da organização, entre os quais, o camarada Henrique Campos, primeiro Presidente da Assembleia e chefe do departamento da organização geral e o camarada Carinton Cá, primeiro responsável do sector autónomo de Bis-

sau.

Estas actividades, terão a duração de um mês, durante o qual estas crianças serão preparadas por meio de ensaios a nível escolar, aulas políticas, que incluem saber o que é por exemplo, a JAAC e a UNTG, para que a 19 de Setembro, as crianças admitidas dos sete aos nove anos de idade, recebam o lenço verde, de Flores de Setembro, sendo o 20 de Janeiro de cada ano, dia em que as Flores de Setembro, atingidos os dez anos de idade, prestam juramento como pioneiros Abel Djassi.

Durante o seu discurso, o camarada Henrique Campos explicaria às crianças que «todo o bom

pioneiro deve ser disciplinado, respeitar os pais e a Pátria». O camarada Carinton, por outro lado, exprimiu a sua alegria por se terem verificado pelo menos 300 inscrições, e sublinhou que era necessário obedecer às palavras do camarada Campos no que diz respeito aos deveres de um pioneiro.

Por fim, a pioneira Carmem Fernandes, jurada em 1977, deu por terminada esta série de alocações, incitando os futuros pioneiros a fazerem o melhor possível, tendo-se dado seguidamente início a uma sessão cultural, que incluiu poemas, danças e a projecção de um filme sobre o desporto na RDA.

## Aeronáutica

### Contactos com Portugal

Regressou no sábado passado o camarada Mário Mendes, director-geral da Aeronáutica Civil que se tinha deslocado a Portugal a fim de estabelecer contactos directos com a empresa de aviação, ANAA, EP.

O camarada Mário Mendes foi informado da organização geral da empresa, da gestão dos recursos humanos, formação, recrutamento e selecção do pessoal, e sobre os investimentos e projectos. Ficou decidido que se deslocarão no próximo ano a Portugal, vários quadros nacionais para se especializarem em controlo de tráfego aéreo. Por outro lado, um instrutor português de combate a incêndios nos aeroportos, deslocar-se-á a Bissau para orientar seminários sobre o assunto.

Numa fase mais adiantada da cooperação, serão possivelmente realizados projectos de carácter mais material e físico como construções aeroportuárias.

Recorde-se que esta viagem do camarada Mário Mendes, vem na sequência da recente visita ao nosso país, de uma delegação daquela empresa portuguesa, no final da qual foi assinada uma acta de cooperação que prevê, entre outros assuntos, a preparação e aperfeiçoamento de técnicos guineenses ligados à aeronáutica civil.

## Responde o povo

### Ruas com buracos ou buracos com ruas?

As valetas abertas para o melhoramento dos nossos telefones, deixam os pais (e não só) tão preocupados, que pedem ao Commissariado dos Telégrafos e Telecomunicações que tomem providência para evitar tantos acidentes, como ultimamente têm acontecido, principalmente com as crianças.

Que pensam disto os leitores?

Mário Indjai — operário — «É tão perigoso, não só para as crianças, como também para os adultos. Sabemos que ultimamente tem havido alguns acidentes, por causa dessas valas que abrimos. Há coisa de 15 ou 18 dias, constou-me que um homem caiu numa dessas valas, e foi parar ao hospital onde levou alguns pontos na perna, porque

avia vidros na vala».

«Também sabemos que as nossas ruas (nem todas é claro) têm falta de iluminação ou seja, cortes periódicos. Então com isso, um indivíduo está a andar numa dessas ruas escuras, e quando dá por si, está dentro da vala, e quando não se aleija é com muita sorte.

Acho que devemos ter mais cuidado a andar à

noite, e chamar atenção aos nossos filhos para que sejam também mais cautelosos.

Apesar de terem aberto essas valas para consertar os tubos de canalização ou os cabos dos telefones, devem começar a fechá-las porque já é altura para tal. Caso contrário, daqui por uns dias estamos todos em Bissau a andar com gesso nas pernas e pensos na cabeça».

Augusto — 40 anos, alfaiate — «Eu penso que este problema dos passeios é muito perigoso, até porque não percebi

bem porquê que até agora ainda não foram arranjados.

Isso é muito perigoso, porque os meninos que saem ou que vão para a escola, como são muito distraídos e não têm aquelas precauções que nós os grandes temos, acontecem-lhes muitos acidentes. Ainda há poucos dias, um menino, filho de um colega meu, caiu numa dessas valetas e partiu um braço. Além desse caso, já soube de muitos outros, em que partiram cabeça, perna e mais.

Penso que este problema deve ser resolvido den-

tro de pouco tempo, porque depois a coisa poderá piorar. Embora saibamos também que, se essas valetas foram abertas, não foram sem razão, até pelo contrário, deve ser para arranjar os nossos telefones. De qualquer forma, penso que já é altura de serem arranjados».

Sisgé, 28 anos — empregado do comércio — «Julgo que já está na altura de se pensar em fechar esses buracos, se houver possibilidades, porque já estão a tornar-se um pouco perigosos, sobretudo por causa das crianças.

As crianças de uma

forma geral, têm pouco cuidado, ou seja, não medem o perigo, como se costuma dizer. Por isso mesmo, já soube de muitas tragédias, por causa desses buracos junto aos passeios. Há poucos dias, vi uma camarada muito aflita porque o filho tinha ido jogar à chuva, caiu num desses buracos e aleijou-se.

Apesar desses buracos terem sido abertos por causa do melhoramento dos nossos telefones, julgo que não seria nada mau pensar fechá-los».

# Discutido o ante-projecto de União das Cooperativas de Santiago

Sob o signo do Dia Mundial da Cooperação, os delegados das cooperativas de consumo reuniram em S. Jorge dos Órgãos para discutirem o ante-projecto da União das Cooperativas desta região, apresentado pelo Instituto Nacional das Cooperativas. Presente e participando activamente nos debates, esteve o Ministro do Desenvolvimento Rural e Presidente do INC, João Pereira Silva.

Este segundo encontro de delegados das cooperativas de consumo, contou com a presença de 51 delegados, quadros das cooperativas representantes do CNCV, organizações de massas, Cooperativa Resistência (de S. Vicente), e outros convidados destacando técnicos do MDR.

A abrir a sessão, o camarada João Pereira Silva faria uma longa dissertação sobre o Dia Internacional da Cooperação e a realidade das cooperativas caboverdeanas, bem como às dificuldades que a Central das Cooperativas, agora em extinção, teve de atravessar, num período em que o conhecimento e experiência cooperativistas não passava do entusiasmo que animava os seus membros. Referiu-se ao apoio dado pelo Governo e pelo Partido ao movimento cooperativista em geral, dizendo: «se foi possível em quatro anos, conseguir o que neste momento se es-

tá a realizar, isso prova que se trabalhou e que houve real apoio do Governo e do Partido».

«A própria criação do INC é neste momento um passo concreto de apoio ao movimento, e o primeiro fruto da sua criação será a Lei Base do Movimento Cooperativista, o que permitirá que se possa discutir em pé de igualdade e numa base legal com outras empresas privadas ou estatais, pois que, neste momento, digamos que as cooperativas são clandestinas», diria o Ministro Pereira Silva.

O ministro do Desenvolvimento Rural, referiu-se à importância da implantação das cooperativas, principalmente nas zonas rurais, pois que permitem a organização das largas massas, simplificando outras tarefas como a educação e a formação cívica, com vista a uma real participação na resolução dos problemas nacionais. As cooperativas, salientou ainda, facilitarão a implantação de novas técnicas e forma de explorar o solo, que seria difícil de introduzir, sem que os camponeses estivessem organizados e co-

nhecessem as vantagens da cooperação.

«A União terá de dar provas na prática de que é uma forma superior de trabalho e organização», acrescentou e, a finalizar, deixou um apelo aos cooperativistas no sentido de prestarem todo o apoio à União e se dedicarem cada vez mais ao trabalho «única forma dela não falhar».

Várias mensagens de apoio foram lidas e, seguidamente, passou-se à discussão do ante-projecto da União das Cooperativas de Santiago e que propuseram várias alterações pertinentes.

## Aumento de salários

O Governo da República de Cabo Verde decidiu fazer um aumento de dez por cento sobre os salários e pensões de funcionários do Estado, com entrada em vigor a partir de Julho deste ano. A informação foi prestada pelo Primeiro Ministro caboverdeano, camarada Pedro Pires, à sua chegada sábado passado a Bissau.

Esta medida, acrescida aos aumentos de tarifas de transportes aéreos, marítimos e terrestres, é considerada pelo camarada Pedro Pires como um reajustamento para fazer face ao aumento de custo de vida nas ilhas. Um dos factos directos que contribuiu para isso, foi a recente subida do preço de venda de combustíveis em Cabo Verde, na ordem dos 50 e 60 por centos.

O chefe do executivo caboverdeano referiu-se às repercussões que a crise energética internacional poderá ter nas importações e na vida económica do país e ao eventual aproveitamento da situação por comerciantes para especulação. Para fazer face a tais problemas, ele apontou a necessidade de uma acção a nível internacional para a escolha de mercados e, em relação à especulação interna, considerou o movimento cooperativista, criado à volta do Instituto Nacional de Cooperativas, como organismos de defesa dos consumidores e das camadas mais desfavorecidas.

## Concluiu-se o Posto Sanitário da Achada de Santo António

As chaves do posto sanitário da Achada Santo António construído pelas Obras Públicas, foram entregues ao Ministério da Saúde e dos Assuntos Sociais no passado dia 29 de Junho.

O edifício compreende um rés-do-chão para os serviços de Saúde, comportando um serviço de tratamento, uma sala de pequena cirurgia, uma sala de partos, um consultório médico, uma farmácia de distribuição e venda de medicamentos, secretaria, três salas de espera. O primeiro andar é dedicado aos Assuntos Sociais, Protecção Mater-

nal Infantil e planeamento familiar.

No edifício foram investidos cerca de dois mil contos, verba essa financiada pela Organização Mundial da Saúde. O Posto, de que se prevê a inauguração após o seu apetrechamento, que em princípio será solicitado à UNICEF (Organização das Nações Unidas para a Infância) disporá de um médico para consultas e um enfermeiro permanente.

O responsável da obra frisou a excepcional produtividade dos 30 trabalhadores a ela afectos o que permitiu que os pra-

zos fossem respeitados.

A edificação de postos sanitários a curto e a longo prazo na periferia da Praia, insere-se no âmbito da estratégia da política do Ministério de Saúde e Assuntos Sociais, com o fito de erigir um sistema de saúde descentralizado na cidade e, em última instância, descongestionar o Hospital Central, com vista a racionalizar o seu trabalho.

COMO NASCEU A INICIATIVA?

Com a ascensão do povo Cabo-verdeano à Independência Nacional, era mister constituir bases

seguras e sólidas para o seu bem-estar social e físico, de modo a que todo o filho de Cabo-Verde pudesse usufruir dos mais elementares direitos em matéria de saúde e higiene. Nesta óptica, um grupo de habitantes da Achada Santo António começou a lançar «as primeiras pedras» para a construção do Posto Sanitário, que vinha fazendo imensa falta à população.

A Comissão formada por pessoas idóneas, desenvolveu, com escassos meios, ao seu alcance, uma campanha de sensibilização da população com o intuito de alcançar os

objectivos propostos. Assim se reuniram quem sem contos actualmentes afectos à fundação da cooperativa de Consumo da Praia, através de quinhentes, colectas de fundos, bailes e outras iniciativas deste género, tinha programada a construção do posto. De qualquer modo, a soma conseguida foi mais um germe concreto de boa-vontade da população, devendo Estado dispensar uma ajuda para garantir o seu funcionamento e funcionamento

## Estabelecer concretamente uma política económica

A definição de uma política económica concreta, mediante uma planificação rigorosa e que se imponha a todo o aparelho de Estado — conforme é intenção política expressa lida nos princípios básicos do PAIGC — foi também objecto de reflexão dos participantes no Seminário de Quadros de 1969.

Disse a este propósito o camarada Amílcar Cabral a todos os camaradas militantes e participantes no Seminário:

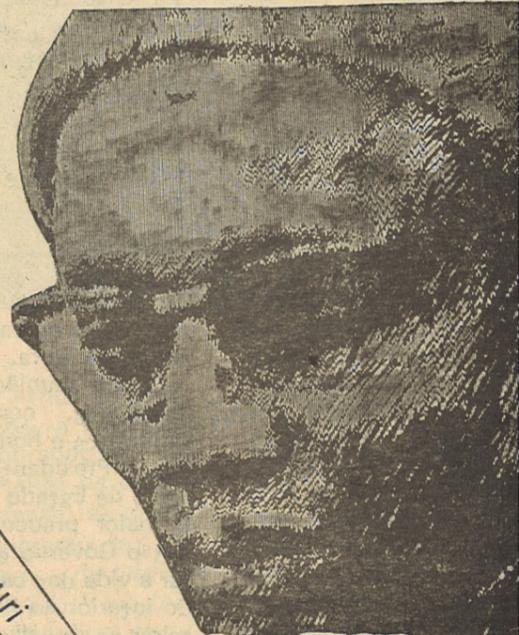
«E desde já, temos que preparar os nossos planos para a economia da nossa terra na independência. Não é só amanhã que devemos fazê-lo, é desde já, todos nós. O Partido tem que conhecer como deve ser, as possibilidades concretas da nossa terra em todos os ramos da economia e preparar com consciência e baseado na ciência

mesmo, planos para o desenvolvimento da nossa terra. Se não formos capazes disso, de estabelecer concretamente qual o caminho, para podermos avançar na nossa terra, estabelecer concretamente uma política económica para a nossa terra, então estamos a morrer, a cansar-nos, a ser feridos, a estragar a nossa vida, para nada, porque

não fomos capazes de tirar o rendimento necessário para fazermos avançar o nosso povo para a frente, como lhe prometemos e por cima de tanto sacrifício com esta guerra».

«Devemos orientar, hoje como amanhã, o nosso trabalho no plano da nossa resistência neste aspecto: fazer aumentar a produção na nossa terra, e fazer essa produção melhorar cada dia mais. Devemos ser capazes de tirar de cada pedaço de terra, o máximo que ela poder dar. Devemos fazer economia, quer dizer, diminuir as despesas. É uma coisa que custa

muito a entender aos camaradas, mesmo hoje, em que o nosso Partido praticamente não tem receitas, a não ser umas colas que se vendem ou umas peles de lagarto ou crocodilo que se vendem. O Partido não tem receitas praticamente, os nossos camaradas não têm o menor cuidado, a menor atenção ao facto de que não se deve gastar muito. Tudo quanto se põe na mão de alguns camaradas é para gastar como se fosse o rio Corubal ou o rio Geba com a sua água. Vamos a gastar porque não vai parar.



Cabral ca muri

# Luiz Cabral reencontra em Como os velhos companheiros de luta

Depois da Região de Buba, na semana passada, o camarada Presidente Luiz Cabral prosseguiu a sua visita de trabalho ao Sul do país, permanecendo, desta vez, 24 horas e desde sexta-feira à tarde na Região de Tombali, o celeiro do país. Reuniões com a população, em Cassacá, Como e Catió, marcaram esta viagem do Presidente do Conselho de Estado que, paralelamente, se inteirou do andamento das obras de construção de escolas e hospitais. Em Caboxanque, visitou o Centro de experimentação e multiplicação de sementes de arroz do DEPA. Uma reunião com os professores do CEPI, (Centro de Educação Popular Integrado) marcou a escala em Cufar, onde se visitou, como nos outros locais, os Armazéns do Povo e da SOCOMI.

O camarada Luiz Cabral fazia-se acompanhar de uma delegação governamental, integrada pelos camaradas Armando Ramos, Comissário de Estado do Comércio, Indústria e Artesanato, Mário Cabral, Comissário de Estado do Desenvolvimento Rural; Irénio de Nascimento Lopes, Presidente do Comité de Estado da Região de Oio e membros das casas civil e militar. Junçou-se-lhe em Catió, o camarada Vasco Salvador Correia, Presidente do Comité de Estado da Região de Tombali.

Ainda nos domínios dos Transportes, Comércio e Agricultura, fizeram parte da comitiva presidencial, os camaradas Malam Gino Mané, director da «Silô Diata», Armando Lobo de Pina, gerente da SOCOMI, João Brito e Silva, director comercial dos Armazéns do Povo, e o engenheiro agrônomo, Carlos Silva (Pepiço), responsável do DPA.

## 16.º ANIVERSÁRIO DO CONGRESSO DE CASSACÁ

Em Quiáfine, primeira etapa da visita presidencial, o camarada Luiz Cabral foi acolhido em Cassacá, onde se realizou, em 1964, o primeiro Congresso do PAIGC, cujo 16.º Aniversário será comemorado no local, em Fevereiro do próximo ano, conforme anunciou o Secretário-geral adjunto do nosso Partido, acrescentando que, até essa data, para além dos preparativos da festa, serão feitas algumas obras de interesse social em Cassacá, e que o ambiente do Congresso deve ser fielmente reproduzido no local.

Falar da visita do camarada Luiz Cabral a Quiáfine transcende o aspecto restrito da visita de um chefe de Estado ao interior do país. Falar desta visita é passar em revista, uma das mais gloriosas

páginas da nossa luta de libertação nacional, na qual, em Cassacá, «o nosso Partido nasceu pela segunda vez» no seu primeiro Congresso, reafirmou o camarada Presidente.

Para além dos preocupantes problemas socio-económicos que se vivem, este encontro de um dirigente do Partido com velhos companheiros de uma luta de libertação, cuja militância constitui seguro alicerce para a

frutas de várias espécies, grande riqueza de Cacine, continuam a apodrecer de ano para ano nos matos de Quínara, sem meios de as comercializar. O mesmo acontece aos outros produtos agrícolas, como o arroz e a batata doce.

Uma outra questão que preocupa muito a população, é o «paradeiro» do barco a que foi dado o nome de «Cassacá», o qual, segundo o camarada Tanum Tcham, membro do Comité do Partido no Sector, «fez algumas viagens a Cacine e nunca mais cá apareceu». Mas tinha ficado estabelecido que este meio de transporte faria uma carreira por semana a esta área.

Em Caulacá (Cassacá), a delegação visitou uma escola do CEPI, cujos trabalhos de acabamento se encontram paralizados por falta de material. Esta obra está a ser orientada por cooperantes italianos.

como os de abastecimento dos Armazéns do Povo, dos transportes, que os respectivos responsáveis integrados na comitiva presidencial prometeram resolver brevemente. Tanum Tcham fez também um pedido para o fecho do rio de Quiáfine, para que a população possa aumentar a sua produção de arroz.

## A HERÓICA ILHA DE COMO

Quem não conhece ainda nesta terra, as gloriosas páginas que o heróico povo da Ilha de Como registou nos anos da história da luta armada de libertação Nacional? Homens, mulheres e crianças desta pequena e longínqua paragem da nossa terra, resistiram, vitoriosamente, a um longo cerco de 90 dias que o exército colonial português impôs com o objectivo de se apoderar da ilha.

fiel do que nunca aos princípios definidos pelo nosso Partido, e participa com o mesmo entusiasmo de sempre na batalha da produção, conforme reafirmaram os homens grandes, velhos combatentes da ilha, como Abudú Fañe e Baña Bônche.

Durante a sua estadia em Como, o Presidente do Conselho de Estado visitou os Armazéns do Povo, e as obras de construção de um semi-internato e um centro hospitalar, iniciados desde 1976, mas que, por falta de material, ainda estão por acabar. Devido à sua condição geográfica, a Ilha de Como encontra-se isolada do resto do Sul. O barco que no ano passado fazia carreiras de lá para Cubucaré, Cacine e outras bandas, trabalhou alguns meses e nunca mais lá apareceu.

O camarada Presidente Luiz Cabral, ao usar de palavras nessa reunião, expli-

## Presidente confirmou em Tombali Arroz que falta arroz que sobra

Após ter-se despedido da população de Cassacá, a comitiva governamental seguiu viagem, sempre de helicóptero para Caboxanque, onde se iria deparar com um cenário bastante curioso. Isso aliás é surpresa só para muito pouca gente, e vem simplesmente reforçar, à vista do camarada Presidente, aquilo que no nosso número de quinta-feira passada, intitulámos de «Arroz que falta, arroz que sobra...»

Segundo constatámos junto dos responsáveis dos depósitos de arroz pertencentes aos Armazéns do Povo e à SOCOMI, estas duas empresas que detêm o monopólio do comércio no país, estão longe de poder evacuar todo o arroz que a população de Caboxanque e da redondeza produziu no ano passado.

Conforme dados fornecidos pelos responsáveis, os Armazéns do Povo só conseguiram comprar até agora, em Caboxanque, 354 toneladas de arroz em casca, e 82 toneladas de arroz de «pilão». A SOCOMI já comprou por sua vez, cerca de 480 toneladas de arroz em casca e 80 toneladas de arroz de «pilão». Só não se com-

prou mais, por falta de locais para armazenar.

Se formos a fazer uma ideia do que pode estar a acontecer noutras tabancas como Caboxanque, desde Catió, Bedanda, Cacine, Como, Empada, até Buba, Fulacunda, Tite, podemos concluir que é urgente a organização de uma rede de transportes para a evacuação do arroz, frutas e outros produtos agrícolas, na altura das colheitas. Escusado é dizer que essa medida tão desejada pelo povo do Sul, nos ajudaria imenso a reduzir a importação dos produtos alimentares. E se possível, impunha-se a mobilização imediata dos meios de transportes disponíveis.

Ainda em Caboxanque, o camarada Presidente Luiz Cabral visitou as bolanhas e instalações pertencentes ao Centro de Experimentação e Multiplicação de sementes de arroz do DPA, onde o camarada Pepiço fez uma exposição do seu funcionamento. Neste centro, já se encontra muito avançada a experiência de arroz do tipo «Rock-5» que é de ciclo mais curto que o nosso e resiste mais a água salgada.

construção de uma vida nova para os camponeses da nossa terra.

Numa reunião com os deputados, conselheiros, militantes e homens grandes, o Presidente do Conselho de Estado reafirmou a maior preocupação do nosso Governo em melhorar a vida dos camponeses do interior do País, ao inteirar-se dos diversos problemas socio-económicos que ainda estão por resolver em Cassacá.

Após a sua conclusão prevista para o mês de Agosto, dar-se-á início, no mês de Outubro, à construção de um novo hospital, com o auxílio da cooperação holandesa. A população da área tem necessidade urgente deste hospital, porque os doentes graves são transportados à cabeça ou de canoa, com graves riscos de vida.

Vários outros problemas foram levantados na reunião de Cassacá, tais

O camarada Presidente Luiz Cabral foi um dos poucos dirigentes do nosso Partido que visitou a Ilha de Como, logo após a grande batalha. Portanto, foi com grande alegria que a população local o voltou a receber. Terminada a guerra, a população de Como continuou firme no seu posto, a constituir uma das melhores organizações das FAL (Forças Armadas Locais). Hoje, ela permanece mais

cou aos presentes a situação económica que o país atravessa, e atribuiu grande parte da responsabilidade da falta de transportes entre os diversos pontos do país, aos motoristas dos barcos ou aos condutores dos carros. Os 15 barcos adquiridos até hoje pelo nosso Estado, foram completamente rebitados, e vão ser reparados brevemente.



O balanço da Cir Governos da OUA tãnte positivo para África. A libertação lismo e do racismo dos os presidentes movimentos de libe Presidente Luiz Cab

## Um vasto

MONRÓVIA — pública da Libéria, a dos seus modestos sos económicos, des vau alguns esforços acolher a cimeira Chefes de Estado o ganização da Ur Africana.

O Governo lib melhorou a sua face na, após ter conheci gumas dificuldades, guir a um aumento ginoso do preço de em Abril último. mente no plano exte Libéria colheu algun ros, com esta Ci pois tudo fizeram o simples homem ao mais alto dir para darem um bor lhimento aos seus des.

Para receber m três mil pessoas, ar ridades deste país truíram a uns 15 qu tros ao Norte de via, na orla do o um vasto complex centro de confe que levou dois construir e 50 pré-f dos destinados a a os Chefes de Es um hotel de 200 Estas instalações seguidamente trans das em estâncias cas.

Para transport seus convidados, o rianos compraram de 200 automóveis



# PIDJIGUITI

A voz dos marinheiros do 3 de Agosto

## Combater ontem no Pidjiguiti viver hoje na Independência

«Os trabalhadores do porto de Bissau e dos barcos de transporte fluvial, entre os quais muitos responsáveis e militantes do nosso Partido clandestino, conquistaram, pela sua acção e patriotismo, um lugar de relevo na história do nosso povo», dizia Amílcar Cabral na sua mensagem a 3 de Agosto de 1965, quando o nosso povo, ainda de armas na mão, e retomando o exemplo de coragem e abnegação dos valentes marinheiros prosseguia a luta pela libertação e independência nacional.

Hoje, passados 20 anos desde o dia em que os marinheiros, tendo adquirido consciência da explora-

ção e humilhação a que estavam sujeitos, resolveram reivindicar novos salários que lhes permitissem viver como seres humanos, o que originou o bárbaro massacre, os sobreviventes, aqueles que viram os corpos dos seus irmãos caírem ceifados por balas criminosas, prosseguem a luta na Reconstrução do país.

Onde se encontram os sobreviventes do massacre do 3 de Agosto de 59? O que fazem neste momento, como se encontram engajados no processo que o povo hoje vive? Militam no Partido e como vêm os problemas de um país independente? Foram as perguntas que nos propusemos levantar junto deles. Encontramo-

los reunidos na sede do seu Comité, chamado 3 de Agosto, onde quase todos eles militam. Havia uma reunião para os preparativos de mais um aniversário, como tem sido habitual desde a independência. Mas este ano é diferente. Trata-se do XXº Aniversário, o que representa nova etapa não

só para os marinheiros sobreviventes mas também para o próprio Partido e o povo em geral.

Não foi fácil obter resposta a todas as nossas perguntas. Fomos dialogando com um e outro tentando saber mais pormenores de cada um deles. O resultado da conversa é dado aos leitores no inquérito que segue

A voz dos marinheiros

### Ontem, no Pidjiguiti Hoje na Independência

«O quê? Se os marinheiros se sentem beneficiados com a independência? Isso é uma coisa clara, porque somos gente que não recebia respeito nenhum aqui na nossa própria terra. Éramos desprezados e tratados como escravos». Assim respondeu José Upadai Gomes à nossa pergunta. E explica porquê: «Dantes, 9 pessoas num barco a remar durante 3 dias até Bafatá, apenas tinham 80 pesos para alimentação. E ainda por cima tinhamos que fazer o serviço de estiva, quer dizer, carregar e descarregar o barco. Agora, acrescenta, com a independência, as primeiras pessoas que sentiram isso são os marinheiros, porque a nossa vida mudou bastante. Antigamente, ninguém queria ser marinheiro. Eram só os manjacos e balanças de Naga. Agora toda a gente quer vir para a vida de marinheiros».

«Mas, perguntamos nós, e para o povo em geral? Acha que a vida também mudou?» Upadai Gomes sentiu-se embaraçado com a pergunta. Considera difícil responder com precisão. Para ele, a vida realmente mudou bastante, pois que, de simples marinheiro que em 59 assistiu ao massacre dos seus camaradas escondidos em tarrafes, do outro lado da margem, para onde conseguiu fugir e cujos

(Continua na página 4)

Jornal dos Pidjiguitis

### Títulos de sangue para os mártires dos povos em luta

1. A raiz nazifascista das dominações coloniais não deu para enriquecer ou favorecer a imaginação dos «chefes» e dos caciques da modalidade.

Além dos seus teóricos, acomodados na alcatifa das «metrópoles» decadentes e reumáticas, «Carta Colonial» (anterior aos sentimentos e às convergências do Pan-Africanismo), gerou somente pequenas falanges de brutamontes cuja sensibilidade, igual à grossura dos tamancos que arastavam, não deu tão pouco para uma grande

diversidade relativamente aos métodos, à forma de actuação.

Por isso, em Angola, os tiroteios criminosos do famigerado Pinto Caxito, roceiro de barriga grande, sobre o seu pessoal escravo (tiroteios largamente anteriores ao massacre de Kifangondo), não se distinguem das balas assassinas engolidas, em S. Tomé e Príncipe, pelos trabalhadores revoltados.

Por isso, o massacre do Pidjiguiti...

2. Sem esforço, poderemos verificar, ligando as várias ocorrências, que o

colonial-fascismo, quando saía à rua, não era demasiado eloquente nem se encontrava muito seguro de si mesmo. Faltava-lhe, no atrevimento, o «verbo». Faltava-lhe a força verdadeira, que nunca vem do mal. Faltava-lhe a imaginação, a despeito da subtilidade com que, nos corredores da burocracia, sempre cozinhou diplomas e estratégias enganadoras.

3. Mas veja-se, decorridos todos estes anos, o que o massacre do Pidji-

guiti sugere sobre acontecimentos dolorosos de Batepá, Mueda, Bado Kassanje, Sowero, Cosinga e outros lugares onde a crueldade fascista esmagou tantas vidas, silenciou tantas vozes que gritaram não apenas o direito de viver mas principalmente, o direito de viver com a cara lavada. Em cada uma dessas jornadas de sangue, o denominador comum, que traduz a incapacidade criadora do colonialismo e do colonialismo é a piqueta mediocres recurso à repressão

(Continua nas Centra)

A efeméride na boca do público

# A TRISTEZA DO MASSACRE VIVIDA PELO POVO REVOLTADO

Dar uma opinião sobre quê? Sobre o Massacre de Pidjiguiti... e as influências que o acontecimento teve na sua vida particular ou na sociedade em geral. Todos tinham qualquer coisa para dizer, independentemente de uns serem mais extrovertidos e outros introvertidos ou ponderados nas palavras.

Alguns velhos de Bissau conheceram o drama de sangue de Pidjiguiti, directa ou indirectamente. Conçaram depois para os adultos e jovens, à porta fechada e aos sussurros nas carpintarias, nas bolanhas ou nos «bantabás» de Bandim, de Antula ou de Pecixe. Para os jovens daquele tempo, aquilo não passava de mais uma história antiga a ser esquecida.

Guerra entre os «valentes pacificadores e dilatadores da Fé e os teimosos indígenas imundos da costa da Guiné (Portuguesa)», como se fazia crer nos círculos juvenis. Para as crianças o facto não existia. Elas esperavam algum dia saber a verdade. E a voz da verdade ecoou das matas de Tite, Cassacá, Morés e Quiáfine, vindo a desmanchar-se na alvorada de Setembro livre do Boé.

Uma diversidade de circunstâncias em que o drama do Pidjiguiti chegou de opiniões que reflectem um sentimento comum por aquilo que virou página da História do nosso povo, na Guiné e em Cabo Verde: «Foi um crime contra os coitados marinheiros. Mas, por outro lado, foi como que um grão de semente que germinou a revolta popular generalizada... o início do fim da opressão» — concluem os nossos entrevistados.

junto da JAAC e técnico da Educação.

Ele era criança do Pilun quando se registou o tenebroso acontecimento, com os marinheiros a defenderem-se das balas com remos nos punhos. Mas, segundo ele, não sabia ainda medir a amplitude das repercussões desse facto. «Nesse acto de viragem — diz ele — houve sacrifícios humanos, dos nossos irmãos que deram suas vidas lutando. Comemorando essa data, vai permitir aumentar na consciência das pessoas, a necessidade de fazermos tantos outros sacrifícios em memória desses heróis e para a consolidação da nossa independência. A independência por que eles, consciência ou inconscientemente deram vidas».

«Se há pessoas que vêm participar nas comemorações do XX.º Aniversário do Pidjiguiti, os nossos jovens devem ser os primeiros» — concluiu o dirigente da JAAC apontando as actividades (quase todas do programa geral das comemorações), em que essa organização participa.

mais tarde veio a saber toda a história e a tomar a consciência da razão de tal acto desumano.

«Na minha opinião, aquela matança contribuiu muito para o aceleramento da acção política junto às populações com vista ao início da luta armada. Talvez o massacre em si não tenha influenciado directamente na minha vida pessoal, como pode acontecer para outras pessoas. Mas a verdade é que isso marcou uma fase intermediária entre a opressão estrangeira e a liberdade na independência» — ressaltou Celeste.

## A PARTIR DAÍ A PRESENÇA COLONIAL ERA VISTA DOUTRA MANEIRA

Suleimane Baldé, estudante o 2.º ano do Ciclo e Flávio V. Ferreira estudam o 4.º do Liceu. Ambos têm 17 anos de idade e, em relação à pergunta do repórter, foram unânimes em afirmar que o acto é criminoso sendo revestido de dois aspectos opostos: um, negativo, que fez ressurgir outro positivo, pois as coisas eram todas clandestinas e o povo

ria nas escolas, como é o exemplo de dois pioneiros militantes da OPAD, filiados na Escola Patrício Lumumba, onde estudam a 4.ª classe. Ambos têm doze anos de idade e vivem no Bairro do Reino, Rua do Boé. São eles Idrissa Sanhá e Fernando Eduardo Évora.

«Pensamos que foi muito mau. Os tugas não deviam matar gente assim. Eles é que vieram à nossa terra e nós não lhes fizemos nada» — diziam. «Nós não sabemos o valor que isso tem para hoje, mas foi um mal mesmo». Idrissa acrescentou depois que ele vai pegar tesoro na escola para ser homem amanhã e defender a sua terra.

## ACTO DE PATRIOTISMO PARA CONTAR AOS NOSSOS FILHOS

Nas palavras dos camaradas Alberto Fati, 28 anos e responsável agrícola da região de Quinara, e Carfala Cassamá, militante da JAAC, os marinheiros conseguiram unir-se para reivindicar os seus direitos, num acto corajoso, e de patriotismo. Alberto admite já ter havido outros desaguiçados entre pretos e brancos, mas o de Pidjiguiti revelava um carácter político acima de tudo. Servirá de exemplo e história para os nossos filhos.

«O acontecimento tem bastante influência na minha vida, em particular e na sociedade, em geral — acentuou Carfala Cassamá, prosseguindo: «Como jovem, o conhecimento do facto permitiu-me reflectir nas mortes do Pidjiguiti e de tantas outras da luta de libertação, levando-me a integrar-me conscientemente na política do meu país».

## UMA TOMADA DE CONSCIÊNCIA MAIS VIGOROSA

Para o camarada Aguiinaldo Almeida, juiz presidente do tribunal do bairro de Tchada, a efeméride do 3 de Agosto encerra valiosas reservas morais e de consciencialização política para todos os cidadãos guineenses. Ele foi, praticamente, uma testemunha ocular do massacre no caso, poderia até, diz-nos, precisar a hora e descrever algumas cenas, de entre as



Outros sobre

mais chocantes. Naturalmente a concentração de população do hospital quando procedia ao transportar dos feridos, em car

«Para mim (Agui Almeida), o massacre de Pidjiguiti permitia, de logo, a extracção de duas «lições», que delas muito concordo, uma, dizia-me, sempre já para quem é equívoco, que governos coloniais não olhavam para a realidade, olhavam a meios para var a corrente de indicações nem admitiam estabelecimento de quer demarches junto PAIGC, que já existia outra «lição» foi a do Partido, o próprio Partido, pôde colher a lição de que teria de correr a outros meios para libertar os nossos filhos desse anquilos colonialismo. E se os meios seriam, como facto foram, a luta da.

Paralelamente, o massacre despertou em uma tomada de consciência mais vigorosa que à necessidade de ver da luta que teriamos de levar a cabo, a procura de satisfação dos mais elementares direitos das nossas populações, não eram observados a dominação colonial. De facto concluir o massacre, envolvendo uma perda de vida muito sofrimento não teve esse aspecto positivo: o demonstrado que se punha, da nossa parte, uma atitude mais acordo com a realidade.

O gesto dos marinheiros ceifados no caso, dizia já a consciencialização de homem africano e reflecte, igualmente, desenvolvimento do trabalho político do PAIGC. E está fora de qualquer dúvida que a coroação daqueles que deram a vida no intuito de demonstrar que eram

## «UM ACTO DE AGRESSÃO CONTRA PESSOAS SEM ARMAS»

Francisco Sousa Levi, tem 57 anos e é funcionário do Comité de Estado da Cidade de Bissau (antiga Câmara Municipal). Naquele «dia de desgraça» ele tinha entrado numa taberna da Rua Severino Gomes de Pina para tirar o frio e percebeu que muitas pessoas corriam do centro da cidade para o Chão de Papel. As informações eram curtas: «guerra no porto». Ele só mais tarde veio a saber a notícia. Coitado dos homens — diz ele — fizeram greve dentro da razão e foram mortos daquela maneira. Aquilo foi um acto de agressão e crime porque os marinheiros não tinham armas».

## «TRISTE E HISTÓRICO. ABRIU CAMINHO À LIBERTAÇÃO»

Para Armando António Mandin, Comissário Político das FARP, do Grupo de Artilharia Terrestre, «o 3 de Agosto é de facto um dia de tristeza para nós, e ao mesmo tempo um dia histórico que abriu o caminho para a nossa libertação nacional e que permitiu chegar-mos à fase, hoje, de independência, prontos para a realização do Programa Maior do nosso Partido». Armando Mandin tem presentemente 35 anos e

afirma ter ouvido falar do Massacre em zunzuns, em Bula, onde nasceu. «Os tugas camuflavam tudo. Diziam que os culpados e provocadores eram os marinheiros e não os polícias. Só vim a compreender melhor quando fui à luta. Todas as transfor-



Elas estiveram no Pidjiguiti — José Opadaí, Francisco da Costa e Luís Lopes

mações que se verificam hoje na minha vida se devem, em certa medida, a esse acontecimento».

## «UM SACRIFÍCIO A EXIGIR OUTROS SACRIFÍCIOS»

«De facto, o Massacre do Pidjiguiti, como acontecimento, deu uma reviravolta nas etapas da nossa luta. O Partido teve que mudar a estratégia da sua linha, a partir do 3 de Agosto» — opinou o camarada Daniel Sow, Secretário Nacional Ad-

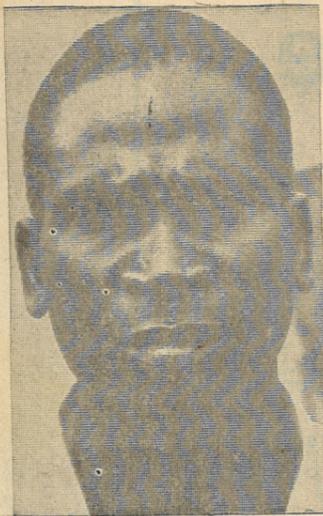
## «ONTEM NA OPRESSÃO HOJE NA LIBERDADE»

Celeste Costa, é uma professora que fez o Magistério Primário, moradora no Bairro de Míssira e que afirma ter sido posta ao corrente do facto em meados de 1967, quando foi transferida de Santó para Bissau a fim de prosseguir os estudos secundários. Amãdia sua amiga, lhe falou então de alguma «barafusta» ocorrida no porto entre brancos e pretos. Só

nunca se via na obrigação de entender por si só a outra face do colonialismo.

## PEGAR NA ESCOLA PARA SER HOMEM AMANHÃ

Apesar de terem nascido cinco ou dez chuvas mais tarde, as crianças de hoje já sabem dissertar sobre o caso «Pidjiguiti» e até referir-se às cenas do Cumbiço remador que os «N'Casga Cobras» cantaram. Souberam da histó-



Afonso Mendes, capitão Joãozinho e Augusto Té

mens, que tinham uma dignidade para afirmar e como tal, deveriam ser respeitados, a consagração desses patriotas, dizia, materializa-se na aquisição, na conquista da independência para os nossos dois povos».

«FUI CRESCENDO E... FUI COMPREENDENDO»

Naturalmente, não somos, na Guiné-Bissau, não somos todos «desse tempo» do tempo do massacre. Mas, hoje, desde os mais novos aos mais velhos, todos nos sentimos «atingidos» pelo significado do «3 de Agosto». A camarada Maria de Lurdes Salman Bufalo Lopes, funcionária do Comissariado de Estado da Educação, é, como se costuma dizer, «mãe de filhos», pormenor que parece avivar no seu espírito a missão de transmitir às novas gerações o que sabe da história do país. Dizia-nos, serenamente, num breve intervalo da sua actividade no comissariado:

«O massacre deu-se quando eu me abeirava dos 10 anos. Era pequenita, portanto. Mas, naturalmente, fui crescendo. Fui crescendo e fui ouvindo narrativas sobre o «Pidjiguiti». E fui compreendendo. Já mulher, e durante a luta de libertação, com o prolongamento da guerra, foi-me possível entender todo o significado do massacre. Pensar que, aqui na nossa terra, era possível massacrar os guineenses, sem mais nem menos, tinha mesmo de deixar em mim uma grande preocupação quanto ao futuro».

Hoje, sou mãe de cinco filhos. O mais velho tem 13 anos. O que é que eu lhe diria sobre o significado do massacre? Falaria do sofrimento e da coragem dos nossos compatriotas, muitos dos quais ficaram pelo caminho, lutando por esta realidade

que é a pátria livre e independente dos nossos dias. Diria aos meus filhos que o 3 de Agosto, foi a primeira das nossas grandes vitórias sobre o colonialismo, já derrubado, felizmente, na nossa terra».

«COMPREENDI MELHOR A NOSSA REALIDADE»

Aquando do massacre do Pidjiguiti, o camarada Fernando Jorge Andrade, do departamento de Educação e Capacitação da UNTG, teria apenas uns 6 anos e vivia em Bolama. Nessa época, as distâncias físicas trabalhavam, pela mão do sistema colonial, a favor do narcótico sobre a consciência nacional. As informações esbatiam-se nas pequenas ou grandes distâncias geográficas. Mas o nosso interlocutor não perderia o comboio irremediavelmente. Diz-nos:

«Quando adolescente, no contacto com as pessoas e por meio da leitura de textos diversos, pude reunir elementos sobre o 3 de Agosto e, a partir daí, fui até compreendendo melhor a nossa realidade e a própria natureza do colonialismo português. Não há dúvida que a partir daí passei a situar-me melhor em relação aos problemas do meu país. Além disso, quando me intei do que acontecera, anos atrás, no caso do Pidjiguiti, já a nossa luta armada de libertação decorria e já a mensagem política do PAIGC atingia fortemente o espírito dos guineenses».

Foi-me, assim, de certo modo, muito fácil associar as coisas. Em relação aos meus filhos? Terá a preocupação de lhes explicar que o 3 de Agosto representou um teste à maturidade do nosso povo e permitiu uma mudança de tática a seguir perante o inimigo».

Jornal dos Pidjiguitis

Títulos de sangue para os mártires

(Cont. da 1.ª página)

ca sem limites, aos meios de violência armazenados com a consciência suja. O colonialismo tinha as armas, as armas todas. Dispunha do ferro e dos cartuchos, tinha as chaves da casa da pólvora. E as «bocas» que o serviam a toda a hora estavam treinadas para asso-biar, estridentemente, em qualquer circunstância, e mandar avançar os pelotões do crime organizado.

4. Destas situações, sempre o colonial-fascismo gostou. Liquidar a sangue-frio. Bestializar o que podia ser resolvido humanamente. Trucidar onde se podia ser compreensivo e plantar uma árvore ou o respeito pela dignidade alheia.

5. Pidjiguiti não é só uma efeméride. É bastante mais. É um facto que nos convoca e nos penetra na carne.

Dizer que o massacre do Pidjiguiti não foi sangue derramado em vão, parece um lugar comum, uma dessas formas talvez estafadas de «cumprir» o que se julga ser obrigação de quem escreve ou de quem fala de coisas terrivelmente sérias. Mas não é o caso. Interessa conhecer, de facto, com rigor, o significado do massacre e logo estabelecer o relacionamento histórico com as motivações e a programação da luta armada de libertação nacional na Guiné-Bissau. É neste ângulo do itinerário histórico que os guineenses (e os africanos de um modo geral), devem situar a sua procura de dados e de sinais poderosos sobre a tragédia do Pidjiguiti.

NUNCAUM ACASO

As cenas do Pidjiguiti não foram, evidentemente, um acaso.

A naturalidade combativa e ao nacionalismo reivindicativo dos patriotas trabalhadores opôs-se com a severidade bronca da autoridade colonial a barreira que visava o prolongamento de um regime de companhias e consórcios estrangeiros, latifúndios, comércio barguido e autoritário, elites sociais intocáveis e tropa fandanga ociosa ou criminosa. A botifarra policial, treinada nos vintagres e nas peçonhas da PIDE, foi sempre o «bom» suporte urbano do poder colonial, que desejava

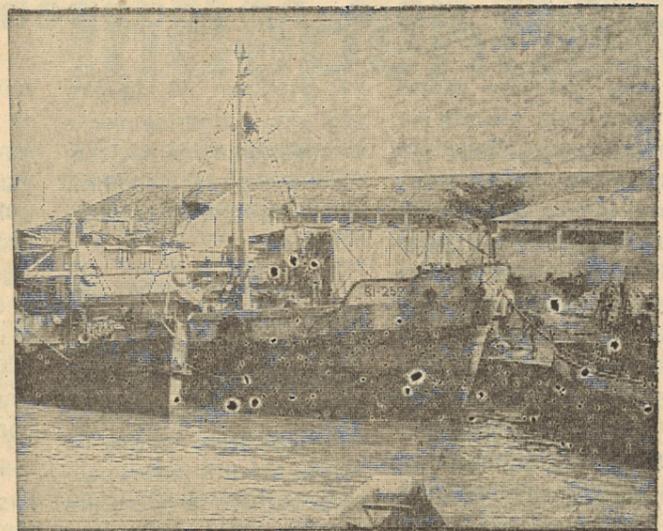
dormir em sossego, patitar e digerir de bom animo as repousantes almoçaradas da «raição euro-tropical». Quem teria, pois, dificuldade em compreender o massacre do Pidjiguiti? «O Papel da Violência na História» (Engels), sabem os historiadores e os pensadores, de um modo geral, qual é. Os guineenses conscientes sabem, rigorosamente, qual o papel das cenas do caos (Bissau) na História da sua pátria. Podendo embora, de passagem, esquadrihar aqui os labirintos da «sujeição do homem ao serviço de escravo» e as «intuições da propriedade privada» ou da «propriedade fundada sobre a violência», e, ainda, aceitar que «as situações políticas são a causa determinante do estado económico», a verdade é que temos, igualmente, para extrair dos acontecimentos do Pidjiguiti

na que lhes é imposto, a estrutura do poder assente na força por essa força em movimento. É o seu único recurso.

No caos do Pidjiguiti, os mártires proclamaram a decisão de lutar do povo guineense.

Eles foram uma primeira linha de combatentes da liberdade. E os seus corpos, juncando o chão do Pidjiguiti, ergueram a trincheira número um, de quantas os patriotas do PAIGC implantaram diante do inimigo.

Há só um PIDJIGUITI, de facto, de entranhas guineenses, de irradiação guineense, de suporte humano guineense — mas o seu enquadramento universal, que é indispensável, apanha simultaneamente a imagem e o sangue dos mártires de outros quadrantes, integrando-se nessa imagem e nesse sangue e assim permane-



uma leitura imediatamente objectiva cujo eixo verdadeiro é a recolha da realidade social guineense da época. Será mesmo caso para se afirmar que, visionando hoje a essência dos acontecimentos no caos, todos os caminhos vão dar ao imenso terreno da questão económica, da questão social, da questão política, tudo questões inevitavelmente ligadas aos centros de energia do nacionalismo e aos núcleos de consciencialização do combate e das aspirações de liberdade e independência.

6. Quando o discurso dos vivos é nem mais nem menos do que a declaração frontal dos pobres, dos escravizados, dos reprimidos, contra o estatuto de sociedade huma-

cerdo, aos olhos do mundo, como advertência e clamar de luta para os povos de todos os continentes.

7. Quem dizia que enquanto a «sua» Alemanha não declinasse, a Europa apenas vegetaria; de igual modo, houve quem não sendo sequer capaz de promover o desenvolvimento do seu país, ou sou sonhar com o domínio de vastas parcelas da África. A África seria eternamente o paraíso alimentador dos «trusts» imperialistas, dar-lhes-ia comodamente todas as matérias-primas. E a África, evidentemente, nem sequer foi ouvida quando, prestes a mergulharem na fumarada da segunda guerra mundial, os «patrões» do aço e de toda a argamassa industrial-

militar, se arapalharan e desentenderam entre si, provavelmente por causa do desenvolvimento industrial de algumas potências, vinha um pouco atrasado e gerava, por isso, todos os concorrentes desagradáveis para os que já tinham dado passos larguíssimos no mundo dos interesses económicos. Por sua vez, Mussolini, outro fascista, no início dos anos 30, achou que um soldado saía «mais barato» à Itália, do que um desempregado decidiu, por isso, atirar-se com unhas, dentes, ferro e fogo sobre os campos e cidades da Etiópia (A África, sempre África, como um alvo fácil, certamente porque «a teoria racista só serve para justificar a política de rapina do imperialismo» ou porque «o racismo é o postulado necessário de qualquer política colonialista»).

8. Tais teorias e «modos» são, evidentemente, patriarcalmente, patriarcalmente levadas a cabo com todo o cuidado possível. Em «As Civilizações Africanas» Denise Paulme diz logo na introdução: «Segundo um preconceito arraigado, os africanos não teriam tido qualquer participação (imaginem!) na obra geral da civilização. A África não teria história. Embora jamais alguém tenha negado a existência na Ásia de civilizações milenárias, e embora os conquistadores, ao mesmo tempo que exterminavam os índios da América, ficassem estupefactos perante os templos e os palácios desses «selvagens», até há poucos anos o passado da África era considerado sem interesse e a arqueologia africana tida como inexistente».

A desmontagem destes e de outros «conceitos» do mesmo calibre, aparece já fortemente reflectida não só em Denise Paulme como na atitude escrupulosa e culta de Garaudy, que propõe o «Diálogo de Civilizações» e nele recusa uma falsa superioridade cultural de certas regiões e colectividades sociais do Mundo.

9. Pelas suas intervenções e poderosas implicações, o PIDJIGUITI é uma aula de consciências. Que a História lhe confira essa designação alargue o seu significado até às fronteiras de todas as nações oprimidas.

# Heróis nacionais regressam hoje à Pátria libertada



Na foto, pode-se ver à esquerda do fundador da Nacionalidade camarada Amílcar Cabral, os heróis nacionais, Domingos Ramos e Osvaldo Vieira.

Os restos mortais de alguns Heróis Nacionais da nossa luta armada de libertação, são ansiosamente esperados hoje em Bissau, trasladados da República Popular e Revolucionária da Guiné. A cerimónia de acolhimento será efectuada logo às 18 e 30, na Sede do Partido, e amanhã, às nove horas serão encaminhados, em acto fúnebre, para o Mausoléu da Amura.

Os «mortos imortais», como os poetas cantam, repousarão, a partir de hoje, na terra sagrada e livre da Guiné-Bissau pela qual deram o seu sangue. A sua memória será para sempre honrada e evocada em letras de ouro pelo nosso povo, tal como Amílcar Cabral, Chico Té e tantos outros soldados e mártires anónimos.

Domingos Ramos, morto num ataque contra o inimigo no Boé, era membro do Bureau Político do PAIGC e Comissário Político das FARP na Frente Leste; Pansau Na Ina, tombado na zona de Nhacra, foi o incansável lutador da batalha de Como, e que, à frente de um punhado de homens mal armados, resistiu até à vitória, ao cerco de 90 dias dos invasores e os restos mortais de Osvaldo Vieira do Comité Executivo de Luta.

## Ontem, no Pidjiguiti Hoje, na Independência

(Continuação Supl. 1.ª pág.)

corpos, privados de balas teve que ajudar a carregar para o carro que os levaria para o hospital ou para o cemitério, passou a capitão de bordo e hoje é responsável pelo Departamento Fluvial de Guiné-Mar e presidente do Comité do Partido do 3 de Agosto. Daí a sua resposta:

«O que posso dizer é que quando uma pessoa passa mal, recorda de muitas coisas mas quando vive bem, quando vive na sabura, esquece-se de tudo isso. Agora não há falta de respeito de que os marinheiros eram viúvas. Agora não há marinheiros que remam durante três dias, com fome, frio, e ainda por cima tratados como animais, comendo apenas arroz com cassequé e óleo de palma. O que a independência, representa para a vida do povo em geral, não posso dizer, porque a gente conhece aquilo que tem perto de nós. Se vier a falar do povo em geral, muita gente é capaz de dizer que é porque vivemos bem».

Mas, em seguida, ele contraria-se, para afirmar que «o povo hoje compreende que nós é que temos a nossa terra». E explica: — «Dantes o povo criava

as suas galinhas, cabras ou vacas mas, não era ele quem as comia. Vinham os cipaio, mandados pelos chefes de posto ou pelo administrador e levavam tudo e o povo não podia falar. Se hoje cada qual vende aquilo que cria ao preço que quer, sem que ninguém os roube ou imponha qualquer preço, portanto o povo agora sente que é livre. Ninguém é obrigado a trabalho forçado como dantes em que os cipaio, com chicotes, obrigavam a gente da tabanca a matar as suas crias para preparar boa comida com bom vinho, enquanto insultavam e maltratavam os que estavam a trabalhar. Isso agora não há na nossa terra».

E José Upaai, aponta outros exemplos, para ele significativos:

Antigamente, o povo não conhecia os governantes, porque se fechavam nos seus gabinetes e davam as ordens aos cipaio para transmitir ao povo. Mas agora, no nosso país, não há ninguém que não conheça o Presidente ou o Comissário Principal, porque eles não se escondem de ninguém. Vivem no meio do povo e todos os dias fazem esforços para melhorar a vida do seu povo. Quando há algum problema ou quando o povo se queixa de alguma coisa

não mandam lá alguém, vão eles próprios ver e discutir os problemas com o povo e tentar encontrar solução para esses problemas».

«Dantes, prossegue, não havia fábricas na nossa terra. Agora, temos muitas fábricas, entre elas a fábrica de colchões de espuma e, desde os bairros de Bissau até o interior, pouca gente dorme agora em esteiras. Isso tudo se deve à força da nossa guerra. E o complexo de Cumeré? Quem tiver a oportunidade de ir visitar aquilo, vê que o nosso Governo está a fazer força para melhorar as condições de vida do nosso povo. Portanto, se o povo quiser dizer a verdade, vê que hoje somos um povo livre e que estamos a caminhar para o progresso, para a sabura por que o povo, dirigido pelo nosso Partido, lutou».

### CONJUGAR OS ESFORÇOS

Vários outros marinheiros, sobreviventes do massacre do 3 de Agosto responderam às nossas questões. Entre eles o Joãozinho, de 47 anos de idade, capitão de bordo e militante do Partido no Comité 3 de Agosto. Ele considera que com a independência, a vida melho-

rou: «Antigamente, a gente passava a vida toda a remar, de dia e de noite. Agora, os motores é que trabalham». Aquando dos acontecimentos do 3 de Agosto, estava como marinheiro e ganhava 60 pesos ao mês. Agora recebe cinco contos e considera isso razoável para viver com a família.

Por seu turno, Luís Lopes, de 59 anos de idade, também capitão e membro do Comité 3 de Agosto, considera que as coisas mudaram porque «nunca fomos capazes de conseguir o que temos hoje». Em 1959, acrescenta, quando exigimos aumentos, responderam-nos com fogo». Era trabalhador num batelão da casa Gouvêa e recebia apenas 60 pesos por mês. Agora, tenho 4.500 pesos e isso é uma coisa que nunca pensávamos vir a alcançar. Hoje somos livres e se todo o povo tiver a mesma cabeça que eu, penso que agora temos a nossa terra e devemos trabalhar para conseguir levar a terra para a frente».

Fancisco da Costa, de 56 anos, conta-nos que entrou para a vida de marinheiro como cozinheiro e que na altura do massacre era capitão do «Gouvêa 16» e ganhava 230 pesos. Agora vence 4.500 pesos mais 450 pesos pa-

ra mafé, além do arroz, e que ainda há perspectivas de melhoria. «Há tempos, conta ele, houve uma reunião no Sindicato onde foi estudada a situação dos marinheiros, a sua sindicalização para podermos ter direito a abonos e outras regalias. Temos a nossa terra, o dinheiro foi aumentado e estamos contentes», diz ele.

### VENCER AS DIFICULDADES POUCO A POUCO

Como encara os problemas de um país independente? Acha que as dificuldades existem e como resolvê-las? Foram as perguntas que afiguramos ao marinheiro Afonso Men-

des, de 57 anos de idade. Tendo começado como marinheiro, com 80 pesos, subiu para 300, após a greve de 59 e agora tem 2.500 pesos. Continua como marinheiro numa das embarcações dos Armazéns do Povo e milita no seu comité. Para ele, a vida também melhorou. O vencimento agora é superior e ajuda a viver com a família. E para o povo também. «Acho que uma terra que conquista a independência não pode ter tudo de uma só vez. Penso que as coisas vão aparecendo aos poucos até conseguirmos completarmos porque ninguém nasce para viver sempre bem».

### À venda o selo comemorativo

Com uma tonalidade viva; rubro, verde e amarelo ao fundo, representando a nossa bandeira, o selo de 4,50 pesos que estará à venda na capital, a partir do dia 3 de Agosto, foi emitido no quadro das comemorações do XX aniversário do Massacre de Pidjiguiti. Esta é uma iniciativa conjunta dos departamentos estatais dos Correios e Telecomunicações da Guiné-Bissau e da República irmã de Cabo Verde.

O selo que foi distribuído por todo o território nacional, tem impresso o monumento aos Mártires do Colonialismo. Juntamente com o selo, poderão ser adquiridos, no primeiro dia de circulação, bilhetes postais e envelopes impressos com o mesmo monumento.

Rescaldo da Cimeira de Monróvia

# África reconhece a independência do Sahara Ocidental

Reportagem do enviado especial do "Nô Pintcha"

O Chefe de Estado libe-riano, Presidente em exer-cício da OUA pediu, tan-to no seu discurso de abertura como de encer-ramento, que aos comba-tentes da liberdade da África seja dado mais apoio, nomeadamente os movimentos da África Austral, que lutam contra os racistas de Pretória e os fantoches de Salisbú-ria.

A Cimeira de Monróvia fez renascer esperanças no homem africano da rua. Algumas questões que o aflige vão final-mente ter soluções na OUA.

Nesta reunião, foram aprovadas resoluções e recomendações políticas

sobre o problema do Sa-hara Ocidental, Zimba-bwé, da Namíbia e África do Sul.

## QUESTÃO SAHARAUI

A Cimeira ouviu o rela-tório da Comissão «ad hoc» dos Chefes de Estado cons-tituída pelos presidentes Sékou Touré, da Repúbli-ca Popular e Revolucioná-ria da Guiné, Mugsá Traoré, do Mali, Olesegun Obasanjo, da Nigéria e Julius Nyerere, da Tanzâ-nia. A Comissão foi cria-da no ano passado em Kartum e reuniu pela pri-meira vez na capital sudanesa em 30 de Novem-bro de 1978, sob a presi-dência de Nimeiri, o en-tão presidente em exercício da OUA e dis-

cutiu detalhadamente as questões do Sahara Oc-idental e decidiu criar um sub-comité formado pelos Chefes de Estado da Ni-géria e do Mali. Este sub-comité acompanhado pe-lo Secretário-Geral da OUA, Eden Kodjo, tem contactos com as partes interessadas no conflito. Assim, a 5 de Maio, o sub-comité deslocou-se à Argélia, Mauritânia e Marrocos, onde teve con-versações com as autori-dades destes países sobre o conflito do Sahara Oc-idental. E deslocou-se igualmente a Espanha o Secretário-Geral da OUA, a fim de auscultar a opi-nião do Governo espan-hol.

Durante o encontro com o primeiro-ministro, Adolfo Suarez, este disse que o seu Governo ape-nas tinha a responsabili-dade moral e manifestou o seu desejo de colaborar com a OUA, a ONU e os países da região no sen-tido de dar solução ao problema do povo saha-raui.

Na segunda reunião, 23 de Junho de 1979, em Kartum, a Comissão «ad hoc», sobre o Sahara Ocidental, examinou o re-latório e as recomenda-ções elaborados pelo sub-comité, após a sua via-gem a Argélia, Marrocos e Mauritânia e a missão de Eden Kodjo a Espanha.

No fim dessa reunião, recomendaram que, para a instauração de uma atmosfera propícia entre as partes em litígio, se deveriam observar um cessar-fogo imediato, para que o povo saharaiu possa exercer o seu direito à autodeterminação e à independência pela realiza-ção de um referendo li-vre de modo a permitir a opção por uma das seguintes soluções: indepen-dência total ou manter o «statu quo» (a situação actual, que é de coloni-zação).

O referendo sob o princípio de um homem e um voto, será preparado por um Comité Especial de cinco Estados da OUA, em colaboração com as Nações Unidas.

As recomendações fo-ram aprovadas na Cimeira de Monróvia por uma maioria de 2/3. Deste

modo, a África confirmou o direito inalienável do povo saharaiu à autode-terminação e à indepen-dência. Os países africa-nos demonstraram que a questão saharaiu é um problema de colonização, e de uma guerra entre os agressores e um povo que quer a independência.

A nova posição da Mauritânia em reconhec-er o direito do Sahara Ocidental a autodetermi-nação e à independência, deixa o regime do rei Hassan II de Marrocos isolado no plano interna-cional. Aliás, o soberano marroquino, temia esta grande derrota diplomá-tica e à última hora, renun-ciou a deslocação a Mon-róvia.

## ÁFRICA AUSTRAL

aos Estados membro, da OUA para «examinarem as possibilidades de da-rem maior assistência fi-nanceira aos países vizin-hos da África do Sul, Rodésia, a fim de fazerem face às dificuldades resu-ltantes da aplicação das sanções».

Condenam ainda os pa-íses que continuam a man-ter relações políticas, di-plomáticas, comerciais militares, nucleares ou outras com o regime racista sul-africano, em vio-lações das resoluções da Nações Unidas e da OUA.

Por outro lado, as resoluções pedem a todos os países amigos e à comu-nidade internacional de continuarem a aplicar as sanções contra o regime racista e minoritário de Rodésia e de não reconhecem o governo fanto-



Os Chefes de Estado e de em Monróvia, foi bas-timentos de libertação da o continente do colonia-los pontos, que quase to-«A África está com os acentuou o camarada hegada a Bissau.

## Complexo para receber os hóspedes

ricanos e 50 Mercedes re-servados aos Chefes de Estado. Esses veículos, dizem, serão posteriormen-te cedidos à Serra Leoa, que acolhe a Cimeira da OUA no próximo ano.

A segurança foi um dos problemas que também

preocupou os responsá-veis liberianos. Os políci-as de algemas pendura-das, com chapéus de feltro na cabeça, revólver na cintura, estavam re-forçados ainda por cente-nas de soldados.

No mesmo espírito, as autoridades alugaram, por

um milhão de dólares por semana, a uma companhia grega, o paquete «Ithalis», transformado em hotel flutuante, com as suas duas mil camas e 550 homens da tripula-ção. Ele duplicou a capa-cidade dos hotéis da capi-tal liberiana.

## Boas intenções

A necessidade da libertação do conti-nente foi assinalado por todos os presiden-tes que usaram de pa-lavra no plenário da Cimeira da OUA em Monróvia. Com efeito, os Chefes de Estado presentes na Libéria, acordaram na urgente necessidade de aca-bar com o colonialis-mo em África. Como? Esse é o pomo da dis-córdia. Mas de qual-quer modo, já é salu-tar a unanimidade quanto à questão da libertação do conti-nente.

A 16.ª Cimeira da OUA foi muito signi-ficativa, apesar de a África continuar ainda a debater-se com al-guns dos problemas

que enfrenta desde que foi fundada a Organização, (já lá vão 16 anos), como por exemplo: as viola-ções fronteiriças, as tentativas de sucessão e guerras civis dramá-ticas que não tiveram solução em Monróvia.

Aliás, os próprios presidentes reconhecem a inércia da OUA em certas questões. O presidente guineen-ses Sékou Touré desfe-riu um forte ataque à incapacidade da Or-ganização em dar so-lução a certas ques-tões com que se de-batem os povos afri-canos. O presidente Tolbert disse que a Cimeira de Monróvia devia resolver os prin-cipais problemas do

continente. Uns foram resolvidos, outros fi-caram para o ano, in-felizmente.

Das resoluções e recomendações apro-vadas na 16.ª Cimeira, sobre o reconheci-mento da autodetermi-nação e à independência do Sahara Ocidental, a que pede o aumento de ajuda aos movi-mentos de libertação da África Austral e a de criação da Agência Panafricana de Infor-mação, são na verda-de de muito importantes.

Mas o que de con-creto virá daí? Boas intenções, mas dúvi-das quanto aos resul-tados concretos. Até para o ano na Serra Leoa. Até lá, vamos a ver...



Sobre a África Austral, as resoluções e recomen-dações adoptadas, depois de uma análise da situa-ção, condenam as atitu-des do Congresso dos Es-tados Unidos e do Gover-no conservador britâni-co, que se mostram favo-ráveis ao levantamento das sanções contra a Ro-désia. E lançam um apelo

che de Muzorewa».

As resoluções pedem ao grupo africano da OUA para que convoque u-reunião do Conselho de Segurança, a fim de e-minar as questões de a-cação das sanções obr-tórias e do embargo trólfico contra os r-mes de Pretória e de-lisburia.

## Campeonato de Bandim-2 "Bô na Gosta" derrotado pela UDAK

A equipa de UDAK de Kobom foi a surpresa da primeira jornada do segundo campeonato de defeso do Bairro de Bandim-2, que teve início no passado fim de semana, ao bater a formação do Bô Na Gosta, campeão do primeiro defeso, pela marca de duas bolas a uma. Os resultados desta ronda foram: Djorçôn, 1-Pamparida, 0 e Djâgras, 1-Pulgas, 1.

Voltando ao embate UDAK de Kobom-Bô Na Gosta, temos a salientar que foi o que melhor espectáculo proporcionou aos espectadores em número razoável, no campo «Cacoma». O primeiro gol da partida surgiu aos 15 minutos. Obteve-o Pápa, na cobrança de um livre directo.

Decorria o minuto 25 quando Pagâncio igualou a partida, numa jogada de contra-ataque. 14 minutos depois, Floriano fixou a contagem em 2-1.

Na segunda parte, os homens do Bô Na Gosta atacaram mais, sem contudo conseguirem os seus propósitos, devido, por um

tuavam os defensores udakenses, preservando a sua magra vantagem.

O 1-1 verificado no encontro Djâgras-Pulgas é fiel retrato daquilo que se

djorçônense, vencedora do torneio de abertura (e não de Bô Na Gosta como anunciámos na edição anterior) pressionou mais e soube tirar proveito desta



Esta é a jovem formação de UDAK de Kobom que comanda o campeonato de Bandim-2

lado, à falta de sangue frio dos seus atacantes e por outro, da grande determinação com que ac-

passou durante os 90 minutos. O mesmo se pode dizer do jogo Djorçôn-Pamparida, já que a formação

vantagem, marcando um tento que lhe garantiu a conquista dos dois pontos em disputa.

### Mundial de Futebol/1982 em Espanha

## Jogos marcados para 14 cidades

A Comissão Organizadora do Mundial de Futebol, de 1982, estabeleceu já, em reunião efectuada em Madrid, os estádios onde a prova se vai disputar.

As duas fases da competição serão realizadas em nada menos do que 14 cidades tornando o próximo «Mundial» no mais «descentralizado» de sempre.

Naturalmente, Madrid e Barcelona albergarão os jogos mais importantes. Na capital da Catalunha jogar-se-á a partida inaugural, mais seis da segunda fase e uma das meias finais, cabendo a Madrid, o outro grupo da segunda fase e os jogos finais.

A primeira parte da prova será disputada nos seguintes estádios: «José Perez Rico», de Alicante — três jogos; «San Mamés», de Bilbao — três

jogos; «Riazor», da Corunha — três jogos; Elche — três jogos; «El Molino», de Gijón — três jogos; «La Gijón» — três jogos; «La Rosaleda», de Málaga — três jogos; «Carlos Tartiere», Oviedo — três jogos; «Benito Villamarín», de Sevilha — dois jogos; «Sanchez Pizjuan» de Sevilha — um jogo; «Luis Cassanova», de Valência — três jogos;

### Anúncios

#### MUDANÇA DE NOMES

Nicandro José Augusto de Lacerda Pereira Barreto, Conservador dos Registos.

Nos termos do n.º 1 do artigo 368.º do Código do Registo Civil, faz-se saber que FERNANDO DA COSTA, golfeiro, major, condutor de auto-

«El Prado», de Valladolid — três jogos; «Balaidos», de Vigo — três jogos; e «La Romareda», de Saragoça — três jogos.

Como já referimos, a segunda fase, a decisiva da competição, desenvolver-se-á em Madrid e Barcelona. Cada um dos dois grupos englobará seis jogos. Em Madrid, três deles disputar-se-ão no Estádio «Santiago Barnabeu»

móveis, nascido a 15 de Dezembro de 1947, natural de Sedengal, Sector de São Domingos, Região de Cacheu e residente actualmente em Bolama, filho de Adulaj da Costa e de Binta da Costa, ambos já falecidos, requereu a alteração de seu nome fixado no assento de nascimento para FERNANDO

e outros tantos no «Vicente Calderon». Em Barcelona, serão utilizados os estádios «Nou Camp» — local do jogo inaugural — e o «Sarriá».

As duas meias finais disputam-se em Barcelona («Nou Camp») e em Sevilha («Sanchez Pizjuar») e o jogo decisivo do campeonato terá lugar em Madrid no Estádio «Santiago Barnabeu».

NHAMA e dos seus pais para ABULAI NHAMA e BINTA BACECO, respectivamente.

São por isso convidados todos os interessados a deduzirem a oposição que tiverem a prazo de 30 dias a contar da data da publicação deste anúncio no Jornal «Nô Pintcha».

## Torneio de ténis

Em Bissau, decorre um torneio de ténis na categoria de juniores, denominado «5 de Julho», em homenagem à independência da República irmã de Cabo Verde. Este torneio, organizado pela Escola Lawn Tennis, é disputado no sistema de «tira teimas», isto é, um jogador, que perdeu uma partida, tem o direito de desafiar o adversário para

outra. No caso de empate, haverá um terceiro encontro para apurar o vencedor.

Entretanto, este torneio foi interrompido para que se realize um outro, alusivo às comemorações do XX aniversário do massacre de Pidjiguiti. É do tipo relâmpago e participarão nele as classes de juniores e seniores.

### Taça «Marien N'Gouabi»

## Congo, 22-Egipto, 22

BRAZAVILLE — Uma igualdade a 22 bolas foi o resultado do grande jogo — assim considerado por todos — entre as formações do Congo e do Egipto, que contava para os quartos de final da Taça de África das Nações, a

primeira edição da taça «Marien N'Gouabi».

Esta partida, a última da oitava jornada do torneio, foi bastante equilibrada o que demonstrou o resultado. Na primeira parte, a equipa egípcia venceu por 13 a 12.

## RDA-Mali assinam acordos desportivos

BERLIM — Uma delegação do Ministério maliano da Juventude, dos Desportos e da Cultura, está na República Democrática Alemã, anunciou, no domingo, a agência oficial de informação alemã — ADN.

Dirigida por Mani Dienepo, director nacional

dos desportos, a delegação informar-se-á — segundo a ADN — do desenvolvimento da cultura física e dos desportos na RDA. Os convidados malianos assistiram, pouco depois da sua chegada, às provas da sétima Esportada dos jovens alemães.

### Perdeu-se

Wilson de Figueiredo Jardim, Cooperante Brasileiro, perdeu uma carteira contendo 1.500 pesos juntamente com uma carteira de identidade

Brasileira, carta de condução, carteira de voluntário das Nações Unidas. Pede-se a devolução dos documentos no Hotel 24 de Setembro.

### Farmácias

HOJE — FARMÁCIA CENTRAL FARMEDI N.º 1 — Rua Guerra Mendes, telefone 2460.

AMANHÃ — FARMÁCIA MODERNA — Rua 12 de Setembro, telefone 2702.

### Cinema

SOIRÉE — A PARAGEM NO BAIRRO DO BOÊMIO.

### Telefones

BOMBEIROS HUMANITARIOS — Telef: 2222  
POLÍCIA; 1.ª Esquadra 3888 - 2.ª Esquadra 3444  
HOSPITAL SIMÃO MENDES — 2866/67/68

## Exploração de menores na África do Sul

JOHANESBURGO — O jornal sul-africano «Post» denunciou na terça-feira passada a exploração de crianças africanas de menos de 15 anos pelo ministro racista da Agricultura, Hendrik Schoeman, que os emprega nas suas 16 propriedades, pagando-lhes um salário bastante baixo.

Reagindo a esta notícia, o ministro sul-africano decidiu despedir centenas de trabalhadores agrícolas negros de uma das suas quintas, lançando-os no desemprego. Schoeman indicou que já despediu 71 empregados e que vai mecanizar a sua produção, lançando assim no desemprego 400 trabalhadores suplementares. O diário «Post» informou que a quinta onde Schoeman explora crianças, situa-se perto do bantustão (reserva tribal) Lebowa, no nordeste do Transvaal. — (FP)

## Questão rodésiana domina a cimeira da Commonwealth

A situação na África Austral, particularmente no Zimbabué, domina a atenção dos participantes da cimeira da Commonwealth, cujos trabalhos reúnem desde ontem em Lusaka, na Zâmbia, os chefes de Estado e de governo de 39 dos 41 países membros da comunidade britânica.

O facto desta conferência se realizar na Zâmbia, um dos países da «linha de frente» que mais tem sofrido com as agressões armadas do regime fanático da Rodésia, é considerado pelo órgão da ZAPU, «Voz do Povo do Zimbabué», «uma vitória sobre as forças do mal». E como não podia deixar

de ser, a legitimidade do «governo» de Muzorewa será posta em causa por grande parte dos participantes, sobretudo depois da OUA ter reafirmado o seu total apoio à Frente Patriótica, que reconheceu como o único e legítimo representante do povo do Zimbabué.

A confirmar o interesse e a importância que os africanos concedem aos problemas da África Austral, os cinco países da «linha de frente» (Angola, Moçambique, Tanzânia, Zâmbia e Botswana) reuniram-se com urgência em Lusaka, a fim de adoptar uma posição comum durante a conferência da

Commonwealth, face a actual política britânica que evolui no sentido do reconhecimento do regime ilegal de Salisbúria.

No entanto, fontes bem informadas pensam que o chefe da diplomacia britânica, lord Carrington, que acompanha o Primeiro-Ministro, Margaret Thatcher, tenta persuadir-lá a moderar as suas apreciações sobre o problema rodésiano. Os observadores notam que na semana passada, em Londres, perante o parlamento, Thatcher defendeu uma posição menos radical sobre a questão das sanções e do reconhecimento do regime de Salisbúria.

## Resistência palestina vai utilizar aviões contra Israel

BEIRUTE — Um dirigente palestino, Ahmad Jibril, anunciou que pilotos palestinos efectuarão em Israel «operações à maneira dos kamikazes japoneses, a partir do primeiro bombardeamento aéreo israelita con-

tra bases militares e civis palestinas ou aldeias libanesas».

Numa entrevista publicada no domingo pelo semanário libanês «Magazine», Jibril, que é chefe da Frente Popular para a Libertação da Palestina-Comando Geral (FPLP-CG), afirmou que «milhares de pilotos terminaram com êxito o seu treino em vários Estados árabes. Esperam apenas ordens de dirigir-se para o objectivo que lhes indicarmos, com ou sem consentimento

do Estado árabe que facilitou o seu treino». Segundo Ahmad Jibril, os treinos foram efectuados em aviões supersónicos.

Por outro lado, Jibril considerou que a Síria só estará em condições de defrontar Israel quando tiver o dispositivo terrestre indispensável à guerra. «Este dispositivo, essencialmente radares, deverá ser instalado nas montanhas ocidentais libanesas». A Síria deve dotar estas instalações de meios de defesa porque de certeza

que serão alvos de bombardeamentos marítimos, terrestres e aéreos israelitas», acrescentou.

O chefe da FPLP-CG declarou-se hostil à formação de um governo palestino no exílio «que destruirá a resistência armada palestina». Na opinião do dirigente palestino, «a administração americana não parece capaz de intervir directamente no Golfo mas contenta-se em ameaçar». Ahmad Jibril considera que é de recear uma gran-

de agressão israelita no sul do Líbano: «Prevejo um verão e um outono quentes para a região, a começar pelo sul do Líbano», sublinhou.

Falando das relações inter-palestinas, Jibril queixou-se da «falta de democracia no seio da Resistência» e do «individualismo» que ainda subsiste na cena palestina. No entanto, sublinhou que «a visão política das diferentes organizações é quase a mesma». (FP)

## Ghana Novo presidente informa-se

ACCRA — O presidente ghanense recentemente eleito, dr. Hilla Limann, anunciou na segunda-feira, discussões profundas com os altos funcionários e responsáveis de diversos departamentos ministeriais, a fim de se inteirar das operações em curso nos diferentes ministérios do governo.

Estes encontros devem igualmente permitir ao chefe de Estado de familiarizar-se com os mecanismos da administração governamental. Estas sessões de «informação», de cerca de três horas diárias, têm também por objectivo dar ao presidente Limann uma visão do conjunto dos objectivos a curto e longo prazo, da política ghanense, assim como dos diferentes problemas que se colocam actualmente ao país.

De um modo geral, devem ser feitos esforços a fim de dar à nova administração do dr. Limann a possibilidade de modificar as orientações da política seguida pelo país. (FP)

## Preparação de eleições no Uganda

DAR-ES-SALAM — Os preparativos para as eleições gerais que se devem realizar no Uganda dentro de dois anos, vão começar no final deste ano, anunciou o presidente do Con-

selho Consultivo da Frente Nacional de Libertação do Uganda, Edward Rugumayo.

Rugumayo declarou que, no quadro destes prepara-

tivos, um recenseamento nacional seria organizado antes do fim do ano e uma comissão eleitoral será criada antes das eleições.

O dirigente ugandês acusou a administração do antigo presidente Yusef Lule de corrupção e de aliança com as forças reaccionárias. (FP)

## Libéria: prioridade ao desenvolvimento rural

MONRÓVIA — O segundo programa de desenvolvimento sócio-económico liberiano começará em Julho de 1980 e terá particular incidência na reconstrução urbana e no desenvolvimento rural, anunciou o presidente William Tolbert por ocasião da Festa Nacional da Libéria.

O chefe de Estado liberiano precisou que este plano será lançado apesar do adiamento, por razões financeiras, de vários projectos de um custo global de 66 milhões de dólares incluído no primeiro programa.

Tolbert revelou que o

rendimento da Libéria evita ligeiramente a inflação mundial e que 52 por cento das despesas governamentais eram consagradas ao desenvolvimento. Acrescentou que a reactivação da indústria siderúrgica poderá levar o governo a realizar um importante projecto de complexo siderúrgico no norte do país. Afirmou ainda que, paralelamente ao desenvolvimento da árvore da borracha, devido à subida de custo do látex, serão feitos esforços de diversificação no próximo ano fiscal em benefício do café, cacau e óleo de palma. (FP)

## Nicarágua: reorganização do exército sandinista

MANÁGUA — O comando geral do exército sandinista será exercido por três personalidades: os comandantes Luís Carrion, Thomas Borge e Humberto Ortega. Representam cada um, uma das três tendências no seio da Frente Sandinista.

O comandante Ortega declarou que esta reorganização do Exército Popular Sandinista destinase a dar-lhe «maior capacidade defensiva contra eventuais agressões». Deixou formalmente as informações de que o exército sandinista prepara uma invasão ao Guatemala e ao Salvador, pre-

cisando que os soldados enviados para a fronteira hondurenha têm por tarefa controlar uma eventual agressão da «reacção nacional e internacional».

Por seu lado, o comandante Thomas Borge, ministro do Interior do actual governo de reconstrução nacional, indicou que está também em curso uma reestruturação acelerada da polícia nacional e dos órgãos de segurança do Estado. O estado-maior geral do exército foi igualmente constituído. É dirigido pelo comandante Joaquim Cuadra, que dirigiu a insurreição na capital. (FP)

ARGEL — A Frente Polisário decidiu libertar 71 miliares mauritanianos capturados a 12 de Julho último, durante a tomada da cidade de Tichia, no sul do Sahara Ocidental. Esta libertação seguiu-se a do prefeito mauritaniano de Tichia, Abdoullahi Ould Mokhtar Ould Kabd, preso na mesma operação. O Primeiro-Ministro saharauí, Mohamed Lamine Ahmed, precisou que esta decisão foi tomada a pedido do Comité «Ad-hoc» da OUA sobre o Sahara Ocidental. Mohamed Lamine sublinhou também que «este novo gesto deve ser interpretado em toda a sua dimensão pela Mauritânia, porque constitui um novo passo para a instauração de uma paz real entre a RASD e a Mauritânia». (FP)

## ELEIÇÕES NO PERU

LIMA — O governo peruano confirmou oficialmente a realização de eleições gerais a 18 de Maio de 1980. O Conselho de ministros ratificou por decreto na segunda-feira, a convocação destas eleições já anunciadas na semana passada pelo presidente Francisco Morales Bermudez. O governo precisou que o seu objectivo é restituir o poder político aos civis. Cerca de 6 milhões de pessoas tomam parte nestas eleições. (FP)

## GREVE NA SUAZILÂNDIA

MBABANE — O jornal «Post» anunciou na segunda-feira passada que a polícia da Suazilândia prendeu 90 dos 400 operários de uma refinaria de açúcar em greve. Os trabalhadores reivindicavam um aumento de salários e incendiaram as plantações de açúcar. Um ministro foi vaiado. Alguns operários foram feridos durante a intervenção policial. (FP)

## HAILÉ GERIMA EM MOÇAMBIQUE

MAPUTO — O realizador cinematográfico etíope Hailé Gerima encontrou-se em Moçambique a convite do Instituto Nacional de Cinema do país. Gerima travou conversações com personalidades do governo e responsáveis do cinema moçambicano. (FP)

## MORREU MARCUSE

FRANCFORT — Hajo Marcuse, filósofo americano de origem alemã, guia ideológico do movimento ocidental no final dos anos 60, faleceu no domingo na Baviera (Alemanha Federal) com 70 anos de idade.

# Simpósio sobre Pidjiguiti: Provada incapacidade colonialista para uma solução negociada

O camarada Aristides Pereira, Secretário-Geral do PAIGC, abriu o Simpósio apresentando a contribuição do nosso Partido para a discussão do significado político do massacre de Pidjiguiti e antecedendo-a da afirmação que «o nosso esforço de reflexão se encontra facilitado pela feliz circunstância de podermos contar com o valioso contributo intelectual de experiências similares, vividas por outros povos, aqui representados pelas delegações dos países vizinhos e irmãos».

A comunicação do camarada Secretário-Geral desdobrou-se em quatro partes, todas conexas com o massacre dos marinheiros no cais de Pidjiguiti na tarde de 3 de Agosto de 1959: contexto histórico; actividade política nos anos 30; uma tradição de resistência, o relato dos acontecimentos de 3 de Agosto e, finalmente, as repercussões políticas nos planos interno e externo.

A reiteração principal nesta comunicação a convicção de que Portugal, considerado país subdesenvolvido, «não possuía capacidade económica para uma solução política negociada que garantisse os seus interesses» ou abrisse caminho para uma solução neo-colonial como as que, por esses anos, fins da década de 50 e inícios da década de 60, outras potências colonialistas ensaiavam por toda a África. Daí a decisão, continua o texto apresentado pelo camarada Aristides Pereira, «de reprimir,

por todos os meios, os movimentos de libertação», inclusivé de formas tão primitivas como a pa-

G.C. aos participantes do Simpósio, descreve pormenorizadamente a passagem do tráfico de escravos, como principal actividade colonialista na sua primeira fase na Guiné, para o monopólio do comércio da mancarra.

É posta em evidência a anacrónica discriminação social do «Estatuto do Indígena», os salários de fome e de miséria para os trabalhadores gui-

aborda a forçada partilha do comércio na Guiné com outras potências (em resultado da conferência de Berlim) e o reassumir do monopólio a partir dos anos 30, principalmente através de três grandes empresas coloniais: a Gouveia, a Ultramarina e a Casa Barbosa.

Os colonialistas foram incapazes de aperfeiçoar os métodos e técnicas tradicionais do trabalho

eles e o nosso povo trabalhador se tornou inevitável, crescendo até à exploração da luta armada de libertação nacional. Realçadas também as tentativas vãs de destruir a nossa cultura pela chamada política de assimilação.

Depois resume a nossa tradição de resistência, inscrevendo-a nas lutas que despontavam no Terceiro Mundo e, particularmente, nos países africanos vizinhos da Guiné-Bissau. Chega-se assim à década de 50 e à formação das organizações políticas de tendência unitária nas antigas colónias portuguesas até ao momento supremo da criação do Partido em 19 de Setembro de 1956. A partir daí, as massas trabalhadoras organizadas passam a contar com o instrumento que faltava para o derradeiro combate anti-colonial, resultando inevitável o confronto da tarde de 3 de Agosto.

A violência da repressão, a resposta agressiva dada pelas autoridades colonialistas à luta pacífica iniciada pelo PAIGC, ainda movimento clandestino, forçou os dirigentes a decidir, na reunião de 19 de Setembro de 59, um mês e meio depois do massacre, a passagem a formas qualitativamente superiores de luta para que daí em diante, a me-

tralha colonialista não encontrasse mais, pela frente as mãos nuas e o peito desarmado dos patriotas.

Mobilizar as massas camponesas, reforçar a organização partidária nos centros urbanos, desenvolver a unidade em torno do Partido, mobilizar os emigrados nos países vizinhos, lutar pela obtenção dos meios idóneos para o desencadeamento da luta armada e transferir o Secretariado Geral do PAIGC para o exterior, foram as resoluções-chave então assumidas pelo Partido e que viriam a ter fortes repercussões tanto interna como externamente e, treze anos mais tarde, culminariam na independência do nosso povo na Guiné e Cabo Verde, tal como a comunicação do Secretário-Geral do PAIGC.

«As repercussões do evento histórico de 3 de Agosto no exterior, foram profundas», afirma o camarada Aristides Pereira. «Chamaram a atenção da opinião internacional para a nossa luta de libertação a qual ganhou, assim, um prestígio inegável e que favoreceu a criação das condições necessárias à fase nova e decisiva iniciada após o massacre de Pidjiguiti».



Os convidados estrangeiros ao simpósio

tenteada na tarde de três de Agosto, em que se revelou «o carácter particularmente agressivo e bárbaro do colonialismo português».

A comunicação do P.A.I.

neenses e a interdição absoluta das actividades sindicais. O texto desmonta a facécia da «multiracialidade e da pluricontinentalidade» apreçoada pelos colonialistas,

camponês, descuraram voluntariamente a industrialização, em suma, mantiveram a economia da Guiné num estado tal de atraso e subdesenvolvimento que a contradição entre

## Declaração do CSL

(Continuação da 1.ª página)

O XX.º Aniversário do Massacre de Pidjiguiti, o Conselho Superior da Luta, exprimindo os sentimentos dos militantes do PAIGC, presta solene homenagem aos Mártires do 3 de Agosto e proclama a sua fidelidade aos altos ideais por que tombaram.

O CSL, fiel aos princípios e objectivos do Partido, reafirma a sua determinação de construir uma sociedade de justiça e progresso social, totalmente isenta da exploração do homem pelo homem.

Nesta jornada em que a memória dos Mártires de Pidjiguiti se impõe mais viva às nossas consciências, o CSL exorta os militantes e os trabalhadores em geral a inspirarem-se do seu exemplo de patriotismo e dedicação aos ideais de justiça e a mobilizarem-se para o reforço do nosso Partido, condição indispensável à defesa das conquistas da nossa gloriosa luta armada de libertação e à realização dos objectivos da Reconstrução Nacional.

Glória eterna aos Mártires de Pidjiguiti!

Viva o PAIGC, força, luz e guia do nosso povo na Guiné e em Cabo Verde!

## Aristides Pereira visitou a Semapesca

O camarada Aristides Pereira, Secretário-Geral do Partido e Presidente da República irmã de Cabo Verde, visitou na tarde de terça-feira, durante cerca de uma hora, as instalações da empresa de pesca mista Guiné-Bissau — França SEMAPESCA sita na Bolala.

Acompanhavam o Secretário-Geral os camaradas Luiz Cabral, Presidente do Conselho de Estado, Armando Ramos, Comissário do Comércio, Indústria e Artesanato e Abílio Duarte, Ministro dos Negócios Estrangeiros da República irmã. Foram todos recebidos à chegada pelos camaradas Morais dos Santos, director geral adjunto, Cláudio Barbosa, director técnico e ainda pelo accionista francês, Marcelo Boudua.

Durante a sua permanência naquelas instalações, Aristides Pereira e a delegação que o

acompanhou percorreram as diversas «secções», desde a secção de separação em modalidade, tamanho e espécie, pas-

sando pelas de transformação e tratamento em embalagem, congelação, estocagem da câmara de conservação do peixe

fresco e congelado, e até as de fábrica de gelo, compressores de frio, de camarão, oficinas de assistência e sector administrativo.

## Patente ao público exposição retrospectiva sobre os 20 anos de luta

Encontra-se patente ao público, desde ontem à tarde no salão do III Congresso, uma exposição fotográfica subordinada ao tema «Retrospectiva de 20 anos de luta».

Esta exposição, cujo tema central é Pidjiguiti, demonstra o que foram os 20 anos de luta do nosso povo, incidindo mais na luta pela reconstrução nacional.

Fazem parte também

da exposição duas pinturas a óleo, poemas, extractos de discursos do camarada Amílcar Cabral sobre o 3 de Agosto, plantas e fotografias de maquetes de futuras construções em Bissau.

## Delegações estrangeiras

(Cont. da 1.ª pag.)

deações Exteriores, de Moçambique pelo camarada Rafael Magu ni Director da rádio, da Guiné por El Hadj Mamadou Béla Dou bou ya, Comissário-Geral da Revolução

de Boké e do Senegal, pelo camarada Cabiro N' Bodj, Secretário Político Adjunto do Partido Socialista do Senegal.

Presentes às comemorações, encon-

tram-se também em Bissau as delegações das mulheres e do sindicato da República irmã de Cabo Verde e da União Nacional dos Trabalhadores de Angola.